

UM EDITORIAL, UMA HOMENAGEM

Weder David de Freitas

Esse editorial abre espaço para uma homenagem. Uma homenagem em forma de agradecimento a um dos primeiros editores do *Boletim Goiano de Geografia*, autor de mais de uma dezena de artigos sobre os mais variados temas e um dos principais intelectuais da renovação da geografia brasileira. Trata-se do professor Horieste Gomes, nascido em Iguarapava, interior do Estado de São Paulo, em dezembro de 1933, filho de Júlio Gomes e Romilda Bariani. Em 1939, muda-se para Goiânia com toda a sua família. Forma em Campinas – a Campininha das Flores – o reduto dos Gomes/Bariani. De descendência italiana, sua família tinha na atividade de serraria o modo de ganhar a vida. Dessa forma, auxilia na construção de Goiânia – ela também é de 1933.

Horieste também é filho de uma época, de uma sociedade e de um espaço. Ele nasce no período de profundas transformações ocorridas no território brasileiro. A década de 1930 é marcada pela acessão de Getúlio Vargas à presidência da República. Pela construção da nova capital de Goiás – Goiânia. Pela insurgência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) liderado por Prestes. Pelo nacionalismo extremista do movimento Integralista comandado por Plínio Salgado. Pela implantação do Estado Novo. Eventos estes antecédidos, na década de 1920, pelo movimento tenentista, pela criação do PCB e a coluna Prestes. Ou seja, ele vive, na sua formação infantojuvenil, o que reverbera desses momentos.

Foi sempre defensor de uma sociedade mais justa e humana. Forjado no ambiente do trabalho (primeiro como marceneiro e, depois, como operador de máquina de arroz), questionava-se sempre sobre quais eram os motivos do flagelo de boa parte da população. Além dessa formação prática, obteve uma educação rígida de seus pais. Era um leitor, sempre ganhava prêmios na escola onde estudava pela prática da leitura. Também foi na escola, por acaso, que desmistificou o fantasma do comunismo, como pode ser observado nesta passagem do seu livro *Caminhos para a (Re)construção do homem*:

Minha caminhada para o socialismo vem de berço, pois desde tenra idade comecei a aprender com o comportamento ético e moral dos meus pais, a me pautar pelo respeito à pessoa humana. No decorrer da minha formação genética, ética e cultural; na labuta e disciplina no trabalho e no estudo; nos procedimentos de vivência social e, por presenciar, sentir e experimentar na própria carne as arbitrariedades e violências dos prepotentes foi crescendo na essência do meu ser o humanismo para com os meus semelhantes. Muitas são as experiências de vida e recordações que povoam a minha mente. Recordo-me muito bem das perseguições aos tutelados “perigosos comunistas”. Ainda menino, aluno do Grupo Escolar Pedro Ludovico Teixeira do bairro de Campinas, éramos advertidos para não jogar a bola do lado do vizinho comunista, seu Romualdo. Este era tido como um bicho-papão, mau, perigoso, ateu e, alguém dizia comedor de criancinhas inocentes. Todo cuidado era pouco. Recordo-me que certa vez brincávamos no pátio quando a redonda chutada caiu no lado de lá. O suspense tomou conta da turma, todavia, a ansiosa expectativa da perda foi rapidamente desfeita pelo retorno da pelota ao pátio da Escola. O comunista lobo mau, não era tão lobo mau como era pintado. (2011a, p. 22)

Entra na universidade na década de 1950 – de início queria cursar medicina no Rio de Janeiro, mas a sua realidade não permitia tal extravagância –, forma-se primeiro em História e, depois, em Geografia na então Universidade Católica de Goiás, hoje PUC. Leciona por vários anos no Liceu de Goiânia.

No início da década de 1960, a convite de Bernardo Elis, compõe a equipe do Centro de Estudos Brasileiros (CEB), para ministrar Geografia. Nesse mesmo período, é aprovado em concurso público e ajuda a criar o curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

A sua vida não se restringiu apenas à academia. Foi um militante político atuante. Sua formação humana pautada no trabalho, na escola e tendo como pano de fundo os acontecimentos daquele período o inclinaram para o socialismo e para o PCB.

O contato com os indivíduos dessa agremiação se deu pela família. Os pais de Horieste sempre davam abrigo aos militantes do partido, mesmo sem nenhum de seus familiares serem filiados. Em uma das histórias contadas por ele, no seu livro *Caminhos para a (Re)construção do homem*, relata que sua mãe cuidou das feridas do comunista Badú depois de ele ter sido espancado pela polícia, e afirma que “na minha maturidade em formação, comecei a compreender bem o significado de estar sob o estigma ideológico da foice e do martelo” (2011a, p. 29).

Apesar da grande ligação à ideologia comunista e da participação efetiva na prática revolucionária, só se filia ao partido em 1964 – início da ditadura militar brasileira. Já nos quadros do partido, Thiago é um dos seus codinomes.

Lutava incansavelmente para proporcionar ao Brasil uma sociedade mais justa e pagava caro por isso. Horieste é preso no começo da década de 1970, justamente na época do famigerado Ato Institucional número 5 (AI-5). Em seu livro *Cela 14*, relata que os militares o esperaram logo de manhã quando saía de casa. Sem pestanejar, os agentes o colocaram em uma viatura e o levaram para o batalhão do Exército em Goiânia. De imediato, interrogaram: o que sabe sobre Thiago? Nesse momento, relata que ficou assustado, pois poucas pessoas sabiam desse nome. Foi então que se deu conta de que os militares tinham muitas informações a respeito da organização e dos seus integrantes. Mesmo assim, omite tudo o que pode nos interrogatórios que sucederam, para preservar os companheiros.

Levado a Brasília, sofre as maiores atrocidades que se possa imaginar. Desde torturas físicas, como choques elétricos e espancamento, até psicológicas com ameaças de todas as formas, incluindo gravações dos parentes próximos – feitas pelos agentes – pedindo que ele confessasse o que sabia.

Em Brasília, é condenado e volta a Goiânia para cumprir a pena no Centro Penitenciário Agroindustrial de Goiás (Cepaigo). Lá chegando, recebe duas funções do diretor do presídio: auxiliar o enfermeiro e também o médico (que ia somente uma vez por semana ao local tratar dos presos). Com essa proximidade, observa uma série de fatos que posteriormente denuncia ao chefe. Vamos aqui relatar duas passagens do livro *Cela 14*. A primeira é sobre o comércio de sangue. Laboratórios de Goiânia iam ao centro penitenciário recolher o material dos presos em troca de uma pequena quantidade de dinheiro. Alguns detentos já estavam fracos por não se alimentarem bem no presídio e por “doarem” sangue frequentemente. Com a denúncia de Horieste Gomes, a coleta de sangue é suspensa por seis meses – uma grande vitória. Outro fato é a constatação de que o médico mal olhava os pacientes e já receitava três medicamentos: Dipirona, Bactrin e Diazepan. Horieste faz o relato ao diretor da penitenciária; entretanto, o médico tinha costas quentes e não havia como fazer nada para retirá-lo do local – uma derrota.

Após cumprir sua pena, que tinha como acusação a subversão, vai com muita dificuldade para o exílio. A sua primeira estada é na França

onde fica em um abrigo com alguns outros exilados políticos. Nesse local, foi-lhe prometido, assim que dominasse a língua francesa, uma vaga de professor em uma universidade do país. A vaga era na recém-criada Universidade de Vincennes, na periferia de Paris, em respostas aos protestos de Maio de 1968. Nessa instituição, lecionava um dos maiores influenciadores do Movimento de Renovação da Geografia – Yves Lacoste.

Entretanto, não poderia ficar por muito tempo sem trabalho, além de conhecer a expressa vontade da família – mulher e filhos – de se juntar a ele. Resolve então ir para a Suécia. Lá estavam alguns amigos, também exilados, e havia ali toda uma estrutura da qual poderia usufruir, bem como não seria difícil conseguir trabalho. Consegue um emprego na limpeza de uma creche e na Universidade de Lund. Assim, ganhava o suficiente para sustentar a família. Também aproveitava todas as benesses que o governo sueco proporcionava – o Estado de bem-estar social. Com algum tempo de vivência nesse país, consegue ingressar no curso de doutorado na mesma universidade em que fazia a limpeza.

Mesmo vivendo em um país onde a assistência social era quase que integral, não deixou de enxergar as contradições do modo de produção capitalista. Entendia que a sociedade sueca havia avançado bastante na questão econômica, mas existiam problemas que iam além desse quesito. Constatou um número elevado de suicídios. Indagava: por qual motivo uma sociedade que estava plenamente desenvolvida no plano econômico teria essa quantidade de pessoas se matando? A resposta para essa questão estava, segundo Horieste, no modo como essa sociedade se organizava. O consumismo era exagerado – tanto é que chegou a ter sete bicicletas sem comprar nenhuma, somente reformando aquelas que eram abandonadas. Outro fator era a quantidade de pessoas que moravam sozinhas, que viviam na solidão. Ou seja, mesmo em um país de capitalismo avançado, a Suécia “não conseguiu resolver a questão vital da sociedade: a de criar, educar e forjar cidadãos felizes” (Gomes, 2011b, p. 200).

Quando regressa ao Brasil, pela lei da Anistia, consegue de volta os empregos que lhe foram retirados – professor da UFG e da UCG. prontamente recomeça a vida no Brasil, tanto acadêmica quanto política. Insere-se na Universidade, auxilia na criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros – seção Goiânia, cria o *Boletim Goiano de Geografia* e tenta reconstruir o partido.

Nesse período, ele escreve inúmeros artigos e livros ligados a diversos temas. É um dos protagonistas do Movimento de Renovação da

Geografia. Segundo Ruy Moreira (2010), Horieste Gomes se junta a outros intelectuais que buscaram realizar uma teoria geral da Geografia, dentre eles: Josué de Castro com *A Geografia da fome* (1946); Aziz Ab´Sáber com *Os domínios de natureza no Brasil* (2003); Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e *A teoria e o clima urbano* (1976); Bertha Becker e *A Geopolítica da Amazônia* (1982); Milton Santos com *A natureza do espaço* (1996); Armando Correa da Silva com *A Geografia e o lugar social* (1989) e Horieste Gomes com *Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia* (1991).

Além disso tudo, ele, junto com João de Castro, Antônio Teixeira Neto e outros formaram uma geração. Geração essa que conduz a Geografia produzida em Goiás como uma das mais dinâmicas do país. Nomes como Lana, Celene, Ana Cristina, Eguimar, João de Deus e tantos outros tiveram como referência a obra de Horieste Gomes.

Ele realizou, durante toda a sua vida, uma trajetória inconfundível. Lutou incansavelmente por justiça social e pagou com o próprio corpo com as torturas recebidas durante a ditadura militar. Levou suas concepções humanas para os mais variados campos: militância política, carreira acadêmica e vida pessoal. Na academia, foi sem dúvida um gladiador, pois batalhou para que a universidade fosse uma formadora de cidadãos conscientes e críticos e não apenas de bons profissionais. Em resumo, Horieste Gomes e outros geógrafos revolucionaram a Geografia e, mais, tentaram revolucionar o Brasil e o mundo.

Referências

- GOMES, Horieste. *Caminhos para a (re)construção do homem: vivências e reflexões de vida*. 2. ed. Goiânia: Ed. PUC-Goiás, 2011a.
- GOMES, Horieste. *Cela 14: militância, prisão e liberdade*. Goiânia: Edição do autor, 2011b.
- MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras*. São Paulo: Contexto, 2010.